



Educação para o Hidrogênio – 2ª Fase

Karina Maretti Strangueto (IFGW – Unicamp- aluna IC)*, Prof. Dr. Elisabeth Barolli (FE – Unicamp - Coorientadora)**, Prof. Dr. Ennio Peres da Silva (IFGW – Unicamp - Orientador)***

*karina.kms@gmail.com, **ebarolli@fe.unicamp.br, ***lh2ennio@ifi.unicamp.br

Laboratório de Hidrogênio – Instituto de Física “Gleb Wataghin”, Universidade de Campinas – Unicamp, C. postal 6039, CEP: 13083-970, Campinas, SP, Brasil.

Projeto realizado com bolsa PIBIC/SAE.

Palavras Chave: Hidrogênio – Ensino de Física – Meio Ambiente



Introdução

Para além da educação não formal, o ensino de ciências tem também outro campo de atuação denominado educação não-formal, que é caracterizada por ser uma maneira diferenciada de trabalhar com a educação, paralelamente a escola, sendo uma de suas particularidades a busca pelo prazer da descoberta e do desafio na construção do conhecimento.

Dessa forma, esse projeto visava levar ao público atividades que contribuem para a divulgação, a familiarização e a reflexão sobre questões socioambientais e sobre o desenvolvimento já obtido na área de energia e combustíveis renováveis, em especial o uso energético do hidrogênio.

Metodologia

Por meio de pesquisa em livros, artigos científicos e reportagens se fez um levantamento dos trabalhos que abordam, o tema da educação não-formal e dos espaços desse tipo de educação.

Depois de encontrados esses espaços de educação não-formal, uma análise de como é feita a abordagem dos assuntos foi aprofundada por meio da visita dos espaços.

A meta de maior alcance deste projeto era estabelecer com esses espaços uma parceria.

Resultados

Com a participação na 60ª Reunião Anual da SBPC notou-se que a maioria dos visitantes é jovem e está em pleno processo de formação acadêmica, principalmente no Ensino Superior; a moto elétrica se mostrou pouco conhecida; o número de visitantes que disseram conhecer o carro movido a hidrogênio (56,4%) foi surpreendente; vê-se uma alta aceitação desse tipo de tecnologia “limpa” aqui no Brasil.

Com a visita ao Laboratório de Hidrogênio durante a UPA de 2008 (Figura 1), o que os visitantes mais gostaram de ver foi o carro (58%), seguido pela célula a combustível (26%), depois o reformador de etanol (10%) e o eletrolisador (6%), e 96% dos visitantes afirmaram que comprariam um carro considerado “limpo”, sendo que 86% dos visitantes pagariam até 50% a mais no valor do carro.

Quando os Museus de Ciências e Tecnologias foram visitados (Figuras 2, 3, 4, 5 e 6), notou-se um grande interesse do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS (MCT) em desenvolver um experimento que trate sobre a Tecnologia da Economia do Hidrogênio.



Fig.1: Alunos visitantes do Laboratório de Hidrogênio durante a UPA de 2008.



Fig.2: Entrada do Museu de Ciências Tecnorama em Águas de Lindóia.



Fig.3: Entrada do Museu Estação Ciências da USP em São Paulo.



Fig.4: Lateral do Museu Estação Ciências da USP em São Paulo.



Fig.5: Saguão de entrada do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC- RS em Porto Alegre.



Fig.6: Entrada do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS em Porto Alegre.

Conclusão

Vê-se um grande empenho de várias instituições em trabalhar fora da educação formal. Esse empenho não é visto só aqui no Brasil, mas sim na grande maioria dos países.

Até agora esse tipo diferenciado de educação tem sido a melhor alternativa para “atualizar” o currículo e manter o ensino interessante e atual. Dessa forma, utilizar a educação informal e a não-formal tem se mostrado o melhor caminho para implementar de forma rápida a Educação para o Hidrogênio no Brasil.

Agradecimentos

Ao PIBIC/SAE pelo apoio financeiro e ao LH2 pelo suporte material.

Este trabalho foi desenvolvido durante projeto de iniciação científica vigente entre agosto de 2008 e julho de 2009.